



“A FORÇA QUE MORA NA ÁGUA NÃO FAZ DISTINÇÃO DE COR” DISCUTINDO A CRENÇA DAS RELIGIÕES ATRAVÉS DA MAGIA E IMPORTÂNCIA DA ÁGUA COMO PRINCÍPIO DIANTE DE TANTOS RITUAIS E TRADIÇÕES VIVIDOS NOS SEUS COTIDIANOS

“THE STRENGTH THAT LIVES IN WATER DOES NOT MAKE A COLOR DISTINCTION” DISCUSSING THE BELIEF OF RELIGIONS THROUGH THE MAGIC AND IMPORTANCE OF WATER AS A PRINCIPLE BEFORE SO MANY RITUALS AND TRADITIONS LIVED IN THEIR EVERYDAYS

Antonio Carlos Santos da Silva¹

RESUMO

O presente artigo pretende discutir e mostrar como a água, na sua melhor essência, bem como as suas introduções, suas fusões e suas misturas, têm a característica de enriquecer muitos ritos, preceitos, tradições e o uso diário, que faz dela produto fundamental no cotidiano de várias famílias, ainda que diante de uma pós-modernidade imperante no dia a dia de grandes cidades como Salvador, por exemplo. Lançando mão de experiências, em geral, vividas por meio de algumas seitas e religiões de matriz africana, entre outras, como também ritos, sacramentos, consagrações, preceitos e crenças a ela ligados, notadamente, faz uma viagem através da formação étnica e social, dialogando com as diferenças e desigualdades de um país que convive com o a intolerância e com as desigualdades, mas que dialogam e se diluem quando o assunto envolve procedimentos que perpassam a natureza humana. Assim, a intenção é dinamizar a discussão sobre a importância deste bem material na composição atual do universo. Por assim dizer, “água é vida”. É possível perceber o quanto há de investimento, principalmente quando se fala em infraestrutura, bem como a resolução das necessidades básicas, as políticas públicas e as condições sanitárias da população, pois a água entra como fator preponderante em todo processo. Por outro lado, a água remete muito à questão da ancestralidade, motivo pelo qual dá-se ênfase nos estudos, asseverando a sua notabilidade no tocante a aspectos ligados à proteção ambiental, à fauna, e à flora, aspectos vitais para os estudos da contemporaneidade, além da questão identitária ligada a aspectos como pertencimento. Por fim, a proposição é mesmo buscar refletir sobre o assunto, introduzindo, assim, velhos elementos, com um olhar mais crítico, sob outra percepção, deixando latente a sua vitalidade no contexto social.

PALAVRAS-CHAVE: Água. Ancestralidade. Batismo.

ABSTRACT

This article aims to discuss and show how water, at its best, as well as its introductions, fusions and mixtures, has the characteristic of enriching many rites, precepts and traditions and of daily use, which makes it a fundamental product in the daily life of several families, still facing a post-modernity that prevails in the daily lives of big cities like Salvador, for example. Using experiences, in general, lived through some sects and religions of African origin, among others, as well as rites, sacraments, consecrations, precepts and beliefs linked to it, notably, he travels through ethnic and social formation, dialoguing with differences and inequalities of a country that lives with intolerance and inequalities, but that nevertheless dialog and dilute when the subject involves procedures that pervade human nature. So the intention is to give a dynamic to the discussion about the importance of this material good in the current composition of the universe, so to speak, "water is life". It is possible to see how much has been invested, especially when it comes to infrastructure as well as the resolution of basic needs, public policies and sanitary conditions of the population, because water is a major factor in the whole process. On the other hand, water refers a lot to the question of ancestry, which is why studies are emphasized, asserting their notability with regard to aspects related to environmental protection, fauna, flora,

¹Mestrando em Educação e Contemporaneidade UNEB/BAHIA - Funcionário Público Estadual (Vice-Diretor e Professor de Língua Portuguesa/ Redação / Literatura) - Secretaria de Educação do Estado da Bahia – Agente Cultural. E-mail: aczaodasilva@hotmail.com.



vital for contemporary studies, in addition to the identity issue linked to aspects such as belonging. Finally, the proposition is to seek to reflect on the subject, thus introducing old elements, with a more critical look, from another perspective, yet leaving its vitality latent in the social context.

KEYWORDS: Water. Ancestry. Baptism.

1 INTRODUÇÃO

O simples ato de abrir a porta pela manhã, nas primeiras horas do dia, e despachar a porta com três rajadas de água, uma para cada lado e outra no centro, pode produzir um efeito imediato de desejar bom dia, bem como abrir os caminhos para que o dia seja mais feliz e todos os planos e desejos possam dar certo ou simplesmente “que Deus nos acompanhe neste dia”. Este mesmo ato de despachar a porta é repetido, principalmente pelos adeptos candomblé, após o retorno de uma cerimônia de enterro, em que se passa uma pequena vasilha com água três vezes sobre a cabeça e joga na rua sobre as costas com o corpo voltado para dentro da casa. Estes são gestos simples, mas que revelam de forma simbólica como a água possui grande importância no dia e na vida de muitas pessoas. Muitas pessoas acreditam que estes atos são crendices, contudo são tradições passadas de gerações a gerações e que, acima de tudo, traduzem o respeito a esse bem natural e, por que não dizer, sagrado para a vida das pessoas em todos os sentidos.

Por meio do apelo do cancionero popular, (músicas como “Planeta água”, de Guilherme Arantes, entre outras) a água é mostrada como elemento forte na vivência diária de todo o mundo. É inegável o seu valor, principalmente no verão, quando as temperaturas alcançam um elevado grau e o calor se torna intenso, especialmente na faixa litorânea do país. Para amenizá-lo é preciso usar de muitas alternativas, haja vista os estudos meteorológicos que mostram o aumento da poluição, cuja maior incidência se deve ao uso de combustíveis fósseis derivados do petróleo, sem contudo aparecer uma forma de redução ou algo que possa fazer com que ela seja minimizada a ponto de resolver.

Para o calor, somente a água ou algo que dela seja produzido é necessário para poder enfrentar essa grande leva que se alastra por todo mundo. Se por um lado o calor atinge, afeta e até mata pessoas, por outro lado, ele é fonte de renda e lucro para comerciantes em vários ramos das atividades comerciais, seja ele nos hotéis, seja nos bares, seja nos restaurantes, seja nas praias, principalmente nos locais ditos tropicais ou nordestinos, como em Salvador, um paraíso cercado de muito calor, tradições, misticismo, tudo com a água sempre envolvida, desde o início até o fim de um dia, a começar pelo mar que cerca a Baía de Todos os Santos,



um local aprazível e convidativo em que em épocas como o verão atrai pessoas de todo o mundo por meio de sua gastronomia, sua cultura, sua tradição. É desta Salvador “Bahia de São Salvador, do Nosso Senhor do Bonfim” e de todos os santos de todos os dias que se pretende mergulhar e mostrar a importância que a magia das águas exerce em todos os sentidos, formas, contos, cantos e encantos da vida de cada dia e da alegria de ser e viver.

Embora a presença da água já tenha sido identificada em todo o universo, somente na terra foi comprovada, até agora, a sua existência em estado líquido. A água se forma, em diferentes regiões do universo, a partir de átomos de hidrogênio e oxigênio. O hidrogênio representa 70% da massa do universo visível, enquanto o oxigênio constitui cerca de 1%. É necessário, entretanto, que haja condições muito particulares para que ocorra a formação de água. Tais condições dizem respeito, principalmente, a uma alta densidade e a uma temperatura não muito elevada. Essa temperatura não pode ser superior a alguns milhares de graus Celsius. Caso contrário, as moléculas formadas se rompem pelo choque dos átomos muito excitados e ativos em altas temperaturas. Mistério insondável para os humanos que por falta de opção válida creditam o surgimento da água como desígnio do Criador, para que se formasse no planeta um laboratório de experiências de toda a espécie.

A Bíblia, no livro do Gênesis, sob o subtítulo “A Criação dos Céus e da Terra e de tudo o que neles há”, refere-se, pela primeira vez, às águas, no versículo 6, do capítulo 1, quando disse Deus: “Haja firmamento no meio das águas, debaixo do firmamento e as águas sobre o firmamento. E assim se fez” (A BIBLIA SAGRADA, 1982).

Preexistia a água antes da formação do planeta? Ciência e religião sempre atuaram em linhas paralelas, embora se perceba que nenhuma das duas ainda se capacitou para expor toda a verdade a respeito do surgimento da água, constituindo-se, assim, as explicações como conceitos teóricos e teológicos, embora percebamos, que só a ciência assumiu a responsabilidade de tentar esclarecer a respeito. Outra verdade relativa ainda se consolidando é que a água é um elemento composto sem similar na natureza, porque se apresenta em três estados (líquido, sólido e gasoso).

Quando um determinado elemento adquire utilidade para o homem, dizemos que ele constituiu um recurso, isto é, uma fonte de utilidades. Se provém da natureza, ele passa a ser considerado recurso natural. Os recursos naturais podem, finalmente, ser não renováveis – como é o caso do petróleo, do carvão mineral, dos metais, etc. – quando, uma vez utilizados, não são substituídos em sua fonte, ou seja, tendem a se esgotar na natureza. A água constitui um caso particular de recurso renovável. Qualquer que seja seu uso, ao final, ela é restituída



ao ambiente, retomando a sua origem. Quando fervida em uma caldeira para a geração de energia termoelétrica, é devolvida ao ar, depois de realizar seu trabalho, retornando à atmosfera e aos ciclos naturais. Da mesma forma, a água que faz girar uma turbina, depois de gerar energia hidrelétrica, retorna ao rio seguindo seu curso natural em direção ao oceano. Finalmente, a que é usada na irrigação das plantas retorna através da evapotranspiração, e a empregada no abastecimento das cidades é devolvida na forma de esgotos líquidos.

Por conseguinte, a quantidade de água existente na natureza terrestre é constante: ela não se perde. Sua distribuição, porém, no tempo e no espaço, pode ser alterada em função da periodicidade das chuvas e de outros fenômenos que deformam o ciclo hidrológico normal. Essas mudanças podem, também, ser o resultado das ações do homem ao interferir nos fenômenos de evapotranspiração ou ao desviar os rios de seu curso natural. A utilização da água pelo homem, em grande parte dos casos, exige alteração do regime de escoamento dos rios, de modo que seja possível a manutenção de vazões constantes durante todo o ano. Caso contrário, as cidades disporiam de água para abastecimento e irrigação somente nas estações de chuva. O próprio fornecimento de luz e de energia não pode sofrer interrupções ou modificações durante o ano de acordo com as fases do ciclo hidrológico natural. Além disso, um escoamento regular é importante para impedir a inundação de cidades durante a época das cheias. Essa regularização das vazões de determinado rio, para que seja possível o emprego racional do recurso água, é obtida por meio da construção de barragens.

Há também um lado perverso o qual não pode ser esquecido: a seca. Ainda há, no Brasil, lugares onde a escassez de água é constante. Muitos políticos sempre se beneficiaram pela falta de água enquanto a população pobre, principalmente a nordestina, sofre devido a falta de melhores e mais eficientes programas de abastecimento e maior fiscalização para evitar que famílias inteiras sofram com o fenômeno do êxodo rural e grandes áreas de plantio e pastagens sejam dizimadas pelo sol escaldante de todos os dias, sem esperança de mudanças. É o retrato do semiárido brasileiro,

que lembra água, chuva e seca. As chuvas nessa região são bastante irregulares, caem mais em alguns lugares do que em outros, concentram-se em poucos meses, sendo que mais de 90% não são aproveitadas devido à evaporação e ao escoamento superficial. Dessa forma, um dos maiores desafios para essa região é a garantia universal de água para a sua população, sobretudo os mais pobres (AVENA, 2006)

Ainda em 2006, foi realizado um Encontro Temático “Água, Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional”, que contou com a participação de 132 representantes dos mais diversos segmentos que compõem os povos e as comunidades tradicionais, indígenas e



comunidades quilombolas. Desse momento, resultou uma Carta Política que “reafirmou que a água é um direito humano e não uma mercadoria, e carrega valores inerentes à vida, ao sagrado, ao alimento e a sua capacidade de produção de vida”. O acesso à água de qualidade é um direito humano básico que necessita ser efetivado para toda a população. Para isso, é necessário que o estado brasileiro atue no sentido de garantir o acesso à água, principalmente das populações em situação de vulnerabilidade, em especial povos indígenas e povos de comunidades tradicionais, além de coibir toda e qualquer iniciativa de privatização, concentração ou contaminação. Tudo isso para mostrar que, ao longo do tempo, a água assume papel de vital importância para a população mundial e, se não for bem cuidada e protegida, vai acabar ou causar os maiores conflitos em torno de sua sobrevivência nesses próximos anos, segundo estudos realizados, bem como análises conjunturais já realizadas em torno dessa causa e a própria dinâmica da contemporaneidade.

2 O DIÁLOGO DAS RELIGIÕES COM A ÁGUA

O candomblé, que significa adoração, louvação, invocação, é uma religião muito antiga, e sua história remonta os tempos de escravidão ao qual as rainhas e os reis africanos foram submetidos por mais de 400 anos, sendo a sua filosofia transmitida pela oralidade e, nessa pós-modernidade, ainda luta pela sua preservação. A manifestação das crenças nativas africanas de grupos concentrados principalmente na Bahia, além de Pernambuco, Maranhão e Rio de Janeiro, trouxe novas formas de sentir e pensar a relação com a Terra e com o Universo. Dentre os diversos grupos étnicos, os yorubás, angolas e jejes se destacaram pelas heranças deixadas, visíveis até hoje, balanceadas por uma filosofia realmente animista e por uma crença religiosa que tem como preceito a harmonização com as forças da natureza (ar, terra, água, fogo), onde se pode sentir e conviver com a presença divina dos Orixás, dos inquices e dos voduns. Os africanos encontraram no Brasil um clima tropical úmido e extensas florestas muito semelhantes às deixadas em suas terras. Este fato torna bastante compreensível que as religiões africanas, por sua forte ligação com a natureza e seus elementos, tenham encontrado no solo brasileiro as mesmas vibrações presentes em seu meio ambiente natal. A necessidade de procurar o seu axé (energia vital) nestas forças tornou-se, aqui, mais necessária do que na África, pois os opressores portugueses não só os destituíram apenas da própria liberdade como também os privaram da família.



Os terreiros e Casas de Candomblé proliferaram com rapidez em Salvador. Por volta de 1937, Donald Pierson calculava esse número entre 70 e 100. Embora em alguns se mantivesse as tradições nagô de forma ortodoxa, outros, devido a grande quantidade de membros de origem bantu, incorporaram tradições, músicas e cultos angola-congueses (especificamente) como consequência natural, sendo então criadosos Candomblés do Congo ou Candomblés de Angola. Houve também terreiros e casas que incorporaram elementos da magia do índio nativo, passando a constituir os chamados Candomblés de Caboclo, muito populares na região Norte, no interior do Nordeste e presente também no Estado da Bahia. É interessante notar como a força e o poder do Candomblé têm se espalhado, influenciando decisivamente religiões mais recentes, como por exemplo a Umbanda. Nas cerimônias litúrgicas realizadas no âmbito do Candomblé, é possível perceber a utilização de folhas e dos ambientes naturais, isso porque ele é fortemente apoiado no uso de oráculos como forma de comunicação direta com as forças da natureza (Orixás) e demais espíritos que se expressam por meio de fenômenos naturais.

Depois que o mundo foi criado, cada Orixá recebeu uma parte do axé, que lhe dava poderes sobre os diversos tipos de seres e coisas manifestados no mundo material. Cada Orixá representa uma força diferente da natureza, e apurando nossa sensibilidade, podemos verificar que a presença de um Orixá é mais viva nos ambientes naturais que lhes correspondem. Assim, Oxum (Rainha das águas doces) será encontrada nos rios e nas cachoeiras, que podem gerar eletricidade, mas que produzem sua força ao se deixar levar pela gravidade, e Yemanjá, nas praias, nas águas rasas do mar. A profundidade do oceano é a região de Olokum, uma deusa pouco conhecida no Brasil. Os elementos, se analisados metafisicamente, possuem afinidades com questões específicas da alma humana e podem influir nos percalços de nossos caminhos pela espiritualidade. Orixás associados com a água (Iemanjá/Olokum) são nutridores. Isso inclui o interesse em saúde mental e física. O elemento da água (Oxum) é também essencial para questões como fertilidade e abundância. Na cultura iorubá, fertilidade e abundância propiciam uma vida rica e alegre.

Assim, a água se constitui como elemento importante nesse diálogo e na forma com ela pode influenciar na condução de um processo que eleva a condição espiritual do ser humano e sua constante interação com o meio no qual vive. Ao cantar “presente na água doce, presente na água salgada e toda cidade brilha”, o cancionero popular revela mais que uma louvação ao sagrado, é uma forma de contemplação, mas também de agradecimento, como fazem os pescadores em momentos pontuais de suas caminhadas. A depender de qual nação



pertença, os presentes nas águas doces de Oxum podem ser entregues em determinada época do ano, em locais amplos como a Lagoa do Abaetéou juntamente com os presentes dedicados a Yemanjá, que ocorre sempre em 2 de fevereiro, na comunidade de Itapuã, no Rio Vermelho (ambas em Salvador/Bahia) e outras localidades e comunidades ligadas ao mar, como Lauro de Freitas e Ilhéus também na Bahia. São várias e diversas oferendas dedicadas às Orixás que revelam o amor e o respeito que os pescadores têm pelas águas e o fazem como forma de agradecer pelas graças do pescado conseguido durante o ano. Também no dia 29 de junho, dedicado a São Pedro, no calendário judaico-católico, ocorre tradicionalmente a Festa do Pescador, em Itapuã (Salvador/Ba), bem como em Alagoas, ambas na região Nordeste, na qual uma procissão marítima de pescadores conduzindo a sua imagem, percorre as principais ruas do bairro e depois seu andor é conduzido ao mar, juntamente com várias embarcações em que também são levadas muitas oferendas.

Ainda nos rituais e cerimônias do Candomblé, a água é um importante elemento no processo de higiene, os quais são realizados por meio dos banhos de ervas. “Sua eficácia é ainda mais acentuada quando ele é preparado com fé, dentro do fundamento mágico, e incluindo as ervas de acordo com as combinações precisas”. Inserir a referência da citação Os banhos feitos com ervas são vistos como um costume introduzido pelos africanos, embora quase todas as religiões e em diversas sociedades, a sua prática seja constante e diversificada. Entretanto, os africanos trouxeram-nos ritos mágicos nos quais o ato de banhar-se com ervas, antes de uma cerimônia, é uma necessidade. Há, nesse processo, a procura e a escolha de uma água especial e/ou consagrada ao santo do dia, que de maneira geral sacraliza o evento. Nos rituais afro-brasileiros, há um sacerdote –o babalossaim– especializado na coleta de ervas sagradas e no preparo dos banhos. A importância desses banhos, dentro dos rituais de iniciação, é fundamental para um bom desempenho em cada uma de suas etapas e no todo. O resíduo dos banhos mágicos (banho de abô, banho de amaci, banho de descarrego), ou seja, as ervas empregadas, não deve ser jogado no lixo comum, mas entregue em algum local onde existem plantas, como uma mata ou um jardim.

Também em Itapuã, um bairro antigo e tradicional da cidade do Salvador, há mais de 50 anos é realizada a Lavagem Nativa, criada e organizada por Dona Francisquinha e continuada por muitos anos por Dona Niçú, que, ao morrer, deixou como legado para a família, conduzida às duras penas até os dias atuais, que, de uma forma ou outra, não deixa de realizar. Essa lavagem era sempre realizada antes de lavagem comercial da Prefeitura de Salvador, e tinha como característica principal a água retirada fresca nas primeiras horas da



manhã de uma das muitas cacimbas existentes no bairro(e conduzidas nos lombos dos burros, que seguiam em procissão e lavavam o adro com folhas de pitanga e areia retirada do Abaeté) que, ao que se sabe, era uma verdadeira ilha, pois além das cacimbas, fontes como A saborosa, A Barragem, A Fonte da Bica, A Fonte do Dendê, os Olhos d'água, entre tantas outras menos famosas, que atraíram turistas de todas as partes da cidade e de outros estados o que em muito contribuíram para a evolução de Itapuã, alçado à condição de bairro nos anos 1970, após ter sido por muito tempo uma “Aldeia de Pescadores” e espaço de veranistas (designação dada a moradores que ocupavam o local em época de verão) que permaneciam entre os meses de novembro a março até findar o carnaval.

Por essa razão, Itapuã ainda é considerado um local que mais possui tradições antigas mantidas por meio de quermesses, bingos, jogos, entre outras atividades e atualmente são sustentadas graças ao esforço de muitas pessoas que têm esse legado como parte de suas vidas. Adespiteo dessas lavagens é importante ressaltar que se tratava de uma condição normal a que os africanos escravizados eram submetidos, uma vez que na quinta-feira eram realizadas para que as igrejas estivessem prontas para as celebrações religiosas no domingo. Na condição de gente de pés no chão (não tinham calçados), não podiam adentrar os espaços religiosos e, ao ficar do lado de fora da igreja, resolveram assim se manifestar, criando seu próprio ritual, nascendo essa atividade de caráter profano, mas também religioso, permanecendo a tradição até os dias atuais. Outra lavagem que ao longo do tempo alcançou o mundo inteiro pela sua grandiosidade é a Lavagem da Igreja do Bonfim. Ela acontece oportunamente na segunda quinta-feira do mês de janeiro, em que se festeja, para muitos, a abertura do ano no calendário oficial do país, com homenagem ao Senhor do Bomfim, no catolicismo, e à Oxalá no Candomblé.

Os indígenas também contribuíram sobremaneira para a sacralização desse precioso líquido, a água,

Amantes da natureza, eles são incapazes, com certeza, [...] de poluir o rio e o mar, preservando o equilíbrio ecológico da fauna e flora...pois em sua glória o índio é o exemplo perfeito, próprio da fraternidade e da alegria de viver... (JORGE BEN JOR, 1983).

Que fez sucesso no país e se tornou um hino, um símbolo da luta pelo bem da Ecologia. Como povos inaugurais das terras brasileiras, os indígenas, comumente chamados de índios pelos portugueses foram os habitantes que mais cuidaram e procuraram preservar o que de melhor havia neste lugar com a consciência ecológica, mas que hoje vivem sob a infeliz expectativa de extermínio de várias nações que muito lutaram para a sobrevivência do

que hoje sobreexiste. Eles estão sendo ameaçados a todo o momento por uma política de retaliações e demarcações impostas por um governo que desvaloriza a sua contribuição para o bem da natureza.

Há também algumas curiosidades ligadas aos indígenas, que podemos chamar de hábitos comuns, incorporados ao dia a dia da população. Porém muitas pessoas não sabem ou não fazem essa associação. Dentre elas, o simples fato de tomar banho foi deixado como exemplo ao colonizador, que chegou com ideias de ter descoberto o Brasil. Também o fato de tomar chá de ervas medicinais para curar todo tipo de enfermidade. A eles também pode se creditar o fato de que a essas folhas/ervas pode ser acrescido aos costumes do negro africano, adicionando à aguardente de cana que hoje é chamado de conserva, consertada, meladinha ou cachaça que divide também com este a criação da jangada, própria para pescarias.

Quanto ao branco europeu, português, colonizador, a água era sacralizada mais pelo costume de ser transformada em benta e utilizada nas celebrações de batismo ou de aspersão nos momentos de oração, término de cerimônias, entre outras festividades. É uma das bases do catolicismo, religião secular trazida por eles e que ainda hoje tem grande influência no modo de viver e fazer da família brasileira.

As águas do mar ainda mantém o fascínio para muitos estudiosos e para lembrança do povo africano que, por muitos anos, atravessaram os mares do Atlântico numa viagem insólita para outra terra em situações que não eram as melhores e adequadas a sua condição de reis e rainhas vividas em África. Diz-se que as águas do mar são mais salgadas em determinados pontos, pois de tanto choro de tristeza, de dor e de sofrimento, os negros escravizados lançavam ao mar as lágrimas que produziram ainda mais tristezas e por isso o gosto de sal acentuado. Dizem, também, que há uma parte do oceano em que ainda estão depositadas as ossadas de muitos negros escravizados e que ainda vagam nas ondas do mar.

Para Geertz, a força de uma religião –e seus símbolos– exerce um papel central na formulação a compreensão do mundo real. Dito isto, na busca por oferecer uma compreensão sobre a complexa teia de interpretações, é que a Congregação Cristã do Brasil (CCB) faz das crenças que a sustenta como instituição religiosa. Verificamos como ocorrem os tratamentos que a CCB destina a alguns símbolos e ritos caros à religiosidade pentecostal, a exemplo, o batismo. O batismo por imersão tornou-se o ritual responsável pela construção da identidade dos pentecostais. Louis Francescon, o fundador da CCB no Brasil, teve o cuidado de elaborar uma interpretação da leitura bíblica que narra o batismo nas águas ou o batismo por imersão, ritual indicador que o fiel passou a congregação na qual se converteu.



Francescon acreditava em um novo discurso sobre o batismo: o de imersão nas águas. Tal prática foi iniciada por Giuseppe Beretta, que, em 1898, havia se convertido à Igreja Metodista Livre Americana, mas depois passou a frequentar a Igreja Presbiteriana Americana da qual Francescon era diácono e depois missionário. Beretta foi batizado por imersão, em 1903, na cidade de Elgin, por um membro americano pertencente ao grupo religioso *Churc of the Brethen*. O batismo de Beretta por imersão deu início ao novo grupo religioso e, após alguns dias desse acontecimento, Francescon pediu para que Beretta o batizasse. Devido ao batismo ser um instrumento de aceitação e conversão que leva o indivíduo a abandonar o profano e unir-se ao sagrado, a CCB tem neste ritual a centralidade de sua religiosidade.

Para a CCB, o batismo é um rito de purificação, com o qual se espera que os pecados cometidos pelos indivíduos sejam anulados. Acredita-se que, após o batismo, o fiel inicia uma nova vida, mudando seus hábitos sociais e comportamentos. Para Geertz, os ritos religiosos operam com a representação cultural de um grupo religioso e, ainda, a forma de exibição de um ritual é totalmente diferente àqueles que participam e aos que simplesmente o assistem.

O batismo é um dos ritos mais importantes para a CCB, cuja petição deve ser apresentada pelos membros do ministério, que, em oração, buscam confirmação divina sobre a sua realização. É o sacerdote intermediando a fé, ao mesmo tempo em que a promove. A CCB possui orientações pormenorizadas para cada tipo de batismo: para os casais não regularizados; para os amasiados; para pessoas solteiras; para os enfermos; para os portadores de HIV de alguma outra enfermidade contagiosa; para presidiários, que nesse caso deve ser realizado em um tanque portátil, como no caso anterior em que se segue o procedimento de desinfecção.

Ao se ater ao ritual de batismo na CCB e às orientações e recomendações que se seguem em cada caso específico, deve-se lembrar das considerações de Durkheim, quando afirma que a igreja orienta o indivíduo sobre quem é seu Deus, suas exigências e qual o papel desempenhado por ele na sua vida. As orientações e recomendações de um grupo religioso buscam formar grupos homogêneos e distintos de outros e, nessa direção, o batismo e seus procedimentos se colocam como um dos rituais que identificam os fiéis da CCB, diferenciando-os na sociedade. Quanto ao batismo de pessoas carentes, os fiéis, quando anunciarem o evangelho, não devem apresentar a obra da piedade, pois essa é a função do departamento responsável pelo atendimento dos necessitados e dos enfermos, composto por um diácono e por irmãs da obra da piedade, que também é um ministério da igreja. Esse



cuidado é para que o evangelizado não se interesse pelo batismo para simplesmente receber cuidados filantrópicos da igreja.

Outro aspecto que revela a igualdade que a magia das águas carrega diante da sociedade em todos os tempos é no tratamento das oferendas que os povos em si entregam aos orixás consagrados em determinadas épocas do ano. A expressão “presentes na água doce, presentes na água salgada” ofertada seja por tenente, seja por filho de pescador ou importante desembargador é uma coisa só, corrobora com ideia inicial deste artigo quando explora um dos temas cuja credence de toda a coletividade chega às raias da incompreensão, quando vários corpos de qualquer raça, espaços ou origem se unem num objetivo social de agradecer, reverenciar as águas cristalinas do mar ou dos rios, ou durante a cerimônia do batismo, seja qual for à condição. Com isso há um diálogo constante com a filosofia da água, que não escolhe caminho, e não teme aos desafios constantes do dia a dia.

Quanto a isso, o que se pode deduzir diante de tantos crimes ambientais em que a água tem se tornado a vilã, há a questão da intolerância do homem, sua insistência em querer mandar na natureza e seus ímpetos em querer conter a água na sua essência.

Os desastres ecológicos que culminaram em crimes ambientais em Mariana, há dois anos, e recentemente em Brumadinho, ambos em Minas Gerais, trouxeram à tona a realidade de muitos mortos inocentes e muitos criminosos vivos, que pela sanha de progresso e do lucro, e mais ainda pela falta de uma justiça competente e menos atenta aos apelos de comunidades pobres e ribeirinhas, que vivem às custas de pesca para sustento de suas famílias, muitos crimes e catástrofes como esses, infelizmente ainda ocorrerão, e as penas somente a natureza por si só saberá e poderá pagar. Uma recuperação que em nada poderá trazer de volta a alegria e a felicidade de poder contemplar uma natureza viva.

3 CONCLUSÃO

“Nem que eu bebesse o ar encheria o que eu tenho de fundo” (Djavan. 1989). Aos que duvidam, a água participa de todos os processos de transformações de uma vida. Sendo parte integrante do nosso corpo, ela deve ser, guardadas as devidas proporções, repostas imediatamente, na medida em que se faz necessário para evitar o agravamento de todos os males que acarretam a rotina cotidiana.

A frase citada no início da seção revela, acima de tudo, a insatisfação, bem como a condição de eternos servos deste elemento e por que não dizer curiosos acerca de todo o



mistério que envolve esse precioso líquido para a vida dos seres humanos, mas também a sua incapacidade de poder compreender o quanto somos limitados em poder resolver os mistérios que perpassam a nossa existência? Para água, como produto essencial para nossa existência, é importante ratificar nos versos do poeta Djavan toda a magia e encantos que ela por si só proporciona à vida, razão de nossa existência maior.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vasni de; SARAIVA, Sueli Marques da Silva Ferraz. **Ritos, Rituais e Recomendações na igreja Congregação Cristã do Brasil**. Revista Perspectiva Histórica, Bahia, vol. 5, jan./jun. 2015, p. 35-41.

AVENA, Antônio Luiz Waldemar. **Desafios naturais do século XXI**. Bureau, 2006.

Revista Perspectiva Histórica. **Protestantismos**, vol. 4, n. 5, jan./jun. 2015.

Revista SAN. **Conselho Nacional de Segurança Alimentar**, ano 1, n. 1, Brasília: Consea, 2016.

SALES, Nivio Ramos. **Receitas de feitiços e encantos afro-brasileiros**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

A BIBLIA SAGRADA. Tradução dos originais mediante versão dos monges maredsous (Bélgica). Centro bíblico católico - revista por frei João José Pedreira de Castro e equipe, Editora Ave Maria LTDA – 1982.

REFERENCIAS MUSICAIS

DJAVAN. **Seduzir**. Para Sempre: Djavan. 1989. Disponível em: www.vagalume.com.br/djavan/seduzir.html. Acesso em: 01 de dez, 2020.

JORGE BEN JOR. **Curumim Chama Cunhata Que Eu Vou Contar (Todo Dia Era Dia de Índio)**. Disponível em: www.letras.mus.br/baby-do-brasil/365271. Acesso em: 02 de dez. 2020.

Enviado em: 31/07/2021
Aprovado em: 29/01/2021